

## O Batuque como Símbolo de Resistência do Povo Negro no Sul do Brasil

Roselaine Dias da Silva

*Roselaine Dias da Silva, graduanda do Curso de Ciências Sociais-Ciências Políticas- UNIPAMPA, e-mail: [roselainesilva.aluno@unipampa.edu.br](mailto:roselainesilva.aluno@unipampa.edu.br).*

*Minha igreja, Eu chamo de Terreiro  
Meu Altar, Eu Chamo de Congá  
Minha Missa, Eu chamo de Gira  
[...]  
Meu Terço chamo de Guia  
Minha Oração chamo de Ponto  
O meu Céu é a Aruanda  
Os Meus Santos são os Orixás  
Apenas respeite o meu Sagrado  
Mãe Maura de Odé*

Simpósio Temático nº 08 – Combinaram Nos Matar, Mas Nós Combinamos Não Morrer: Trocas de Saberes Resistentes.

### Resumo

A proposição deste texto é apresentar o Batuque, vertente de religião de matriz africana, como símbolo de resistência do Povo Negro no extremo Sul do Brasil. Propomos pensar os ritos, os signos, os símbolos e a marca do sagrado no Batuque como estratégias de resistência do povo negro, em um campo de produção que se organiza a partir de construtos distintos da ideação branca eurocentrada cristã. Nossa compreensão perpassará a perspectiva de um corpo coletivo que se estabelece na tradição do Batuque do Rio Grande do Sul por meio de sua força ancestral, de seus saberes e poderes que a visão ocidental cristã não compreende. Este corpo coletivo será entendido como “corpo e fé” que opera o Batuque e o materializa em um “corpo-território” representado como “corpo-terreiro”.

**Palavras-chave:** Batuque/RS. Resistência. Corpo-Território. Corpo-Terreiro. Corpo e Fé.

### ABSTRACT

The purpose of this text is to present Batuque, a strand of religion with an African matrix, as a symbol of resistance by the Black People in the extreme south of Brazil. We propose to think about the rites, signs, symbols and the mark of the sacred in Batuque as resistance strategies of the black people, in a field of production that is organized from different constructs of the white Euro Centered Christian ideation. Our understanding will permeate the perspective of a collective body that establishes itself in the Batuque tradition of Rio Grande do Sul through its ancestral strength, its knowledge and powers that the Western Christian vision does not understand. This collective body

will be understood as "body and faith" that operates Batuque and materializes it in a "territory-body" represented as "terreiro-body".

**Keywords:** Batuque/RS. Resistance. Body-Territory. Corps-Terreiro. Body and Faith.

## INTRODUÇÃO

Este texto surge a partir da vivência como Batuqueira que também está vinculada ao Curso de Ciências Sociais - Ciência Política da UNIPAMPA, que por meio da disciplina de Sociologia trouxe esta condição para este espaço acadêmico. Neste contexto, o Batuque do Rio Grande Sul foi apresentado como vertente religiosa da tradição de matriz africana como forma de resistência do povo negro no Sul do Brasil.

A partir desta ideia, de como o Batuque se estabeleceu no Rio Grande Sul, desde o século XVIII, sua cultura e tradição sócio-histórica secular, em meio ao cenário de escravidão no país, como instrumento de resistência que atravessou o Estado, configurando-se como uma forma de expressão do povo negro no extremo no Brasil.

A colonização europeia no Brasil apagou um rastro de história e pertencimento do povo negro, o destituindo de suas nações e representações étnicas identitárias. Contrário a esse mecanismo de tortura e violação dos sujeitos, nasce a resistência articulada em um campo de produção imaginária e simbólica que se organiza a partir de construtos distintos da ideação branca europeia.

O episódio colonial que evidenciou uma nação escravocrata criou uma estrutura sócio cultural referenciada na força do trabalho do povo africano no país. Esta matriz de colonização nos levou a um marco social da violência como estratégia de aniquilação da força, da intelectualidade e da sensorialidade do povo negro escravizado no país.

Diferente do que acontecia no século XVIII, nos tempos atuais, esta forma de anulação sócio cultural se estabelece diretamente sobre o espaço território de culto ao sagrado, que denominamos Terreiros. Os ataques são físicos, os atos de violência são dirigidos às representações das Divindades, referendadas por imagens e símbolos. Os ataques são direcionados aos ritos que se organizam frente aos espaços sagrados denominados Conga.

Observa-se que estes ataques demarcam o posicionamento contrário à cultura de matriz africana, seu culto, sua tradição e denotam uma única forma de expressão religiosa no país. De forma distinta, ao que pensam os violadores, os atos que causam tensionamento provocam

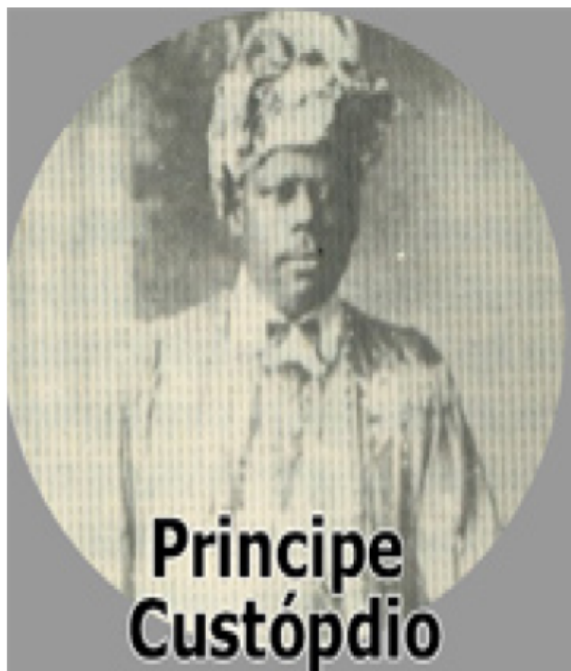
resistência do povo que cultua as religiosidades de tradição africana há mais de 400 séculos no Rio Grande do Sul.

### O Marco De Resistência Secular

O Batuque- que se inicia no Rio Grande do Sul com a chegada do Príncipe Custódio e seus súditos, no Porto de Rio Grande em 7 de setembro de 1899 (NUNES, 1999). De acordo com os estudos de Ari Oro (2002) esta chegada acontece com o Brigadeiro José da Silva Paes que aportou na Barra de Rio Grande em 1737.

A pesquisa de Eliane Almeida (2019), indica a entrada do Batuque no Rio Grande do Sul com a “[...] chegada do Povo de Oyó [que] acontece em Rio Grande quando o Príncipe Custódio e a Mãe Emília”, conforme afirma o Babalorixá Pai Márcio de Xapanã chegam ao porto da região. Para Eliane Almeida (2019), o Batuque é uma expressão dos Povos de Terreiros sustentada na luta por resistência no país, que se organiza com a entrada dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria no Brasil. Neste sentido, o Batuque é referenciado como uma razão de matriz africana, que para Morais e Jayme (2017, p. 268), traduz-se como:

[...] uma categoria discursiva: povos e comunidades tradicionais de matriz africana. [...] Uma expressão adotada para nomear os grupos praticantes das religiões afro-brasileiras no âmbito das políticas públicas ancoradas no debate acerca da diversidade cultural no Brasil.



**Mãe Emília Raiz do**



**Oyó/RS**

Cabe entender que o Terreiro, como afirma Janine Cunha (2020, p. 218), é “[...]um complexo memorial ancestral [que] preserva vivas as relações materiais e imateriais de uma África deixada abruptamente no passado”. Para Janine Cunha (2020, p. 218), o Terreiro é um espaço de interação pública em que se articulam os modos de resistência do seu povo. Além disso, para a autora, neste lugar do sagrado se entrelaçam os campos da filosofia, da política e da cultura.

Neste texto, buscou-se articular a prática religiosa da Nação Jeje Ijexá (Oro, 2011) como instrumento de resistência anunciada por meio do campo filosófico que se materializa nos corpos que expressam esta condição de fé (ALMEIDA, 2019). Este pensamento filosófico foi comprovado pela luta contra o processo de extermínio da ideia de Nação que alicerçava a população africana que chegou ao Brasil durante o processo escravocrata.

Ao que Mogobe Ramose (2017) intitulou como o epistemicídio do pensamento negro na sociedade ocidental. A anulação do pensamento negro no Brasil ocorreu devido à cultura cristã que, segundo o autor, designou o pensar cristão como ordenação mental e superior afirmada, ao longo dos séculos, para condição humana.

De acordo com Mogobe Ramose (2017), o silenciamento do povo negro foi sustentado em dois pilares: o da religião e o da filosofia. No que tange à religião, a instituição Igreja Católica foi a responsável pela ordenação de uma crença única no país a partir da colonização portuguesa no país.

Acompanhando as ideias de Katiúscia Ribeiro (2021, p. 32), ao tratar da filosofia africana, a manifestação do conhecimento dentro do pensamento negro visibilizado no Brasil por meio das

religiões de matriz africana reverbera duas formas: "[...] a maneira como sentimos e o corpo território. Que pode ser compreendido como:

“[...] território corporal capaz de recriar e conduzir a memória e a experiência africana. Essas práticas recriaram nos territórios negros (terreiros, quilombos, irmandades) representações materiais e simbólicas que permitiriam o resguardo de capitais científicos, culturais, ambientais, e filosóficos que resistem às violações e violências impetradas ao povo negro (RIBEIRO, 2021, p. 34).

Nesse sentido, podemos considerar o Batuque como parte deste "corpo-território", no qual se incluem os elementos sensoriais que compõem a coexistência do sujeito, que traz consigo as marcas das Nações que aportaram neste Estado por meio dos símbolos, das cores, dos alimentos, da comunicação, saudação e forma de interação no espaço do Terreiro. Além disso, por esta percepção filosófica, podemos também correlacionarmos este corpo do Batuque ao corpo político, que carrega em si a tradição de matriz africana, em que este corpo compõe os mecanismos de resistência que ultrapassam mais de quatro séculos nesta região do país.

É neste corpo físico, aqui considerado também como corpo político, que os ritos, os signos, os símbolos e a marca do sagrado se expressam. É este corpo que estabelece a conexão com as Divindades, conhecidas no Batuque como Orixás. Podemos pensar também que é este corpo articulado aos outros corpos que manifestam a sua cultura religiosa. Pois a expressão da religiosidade que constitui o corpo coletivo da tradição do Batuque traz força, saberes e poderes que a visão ocidental cristã não compreende que podemos intitular como “corpo-terreiro” (CUNHA, 2020, p. 223). Para a pesquisadora:

“O corpo-terreiro”, se constitui pela oralidade vivida na dinâmica de um terreiro, na dinâmica de coexistência com outros seres presentes material e imaterialmente, em ordem complementar entre seres animais, vegetais, minerais e espirituais [...]. O corpo nesse contexto, de renascimento, de observação, de disritmia com o cronológico da vida social fora do terreiro, sofre transformações. Transmuta, dialoga com o imaterial e deve permitir que o invisível, mas sensível, seja naturalizado e faça parte do cotidiano (CUNHA, 2020, p. 223).

De acordo com esta visão diaspórica africana, compreende-se neste corpo sagrado, a presença do coletivo que se caracteriza em uma referência identitária da Nação a qual ele está vinculado. A visibilidade sobre estes corpos demarca a vinculação étnico-racial e sobre ela, a vertente religiosa representada. Esta relação pode ser o motivo dos atos de racismo religioso à caracterização étnico-racial com o povo negro africano.

Como problematiza Janine Cunha (2020), este corpo é “interseccionado” por que traz em si as dinâmicas da vida. Por esta percepção, é um corpo que tem etnia, gênero e sexualidade, em um olhar sociológico, também tem classe. Neste sentido, este corpo sagrado pode ser visto como o corpo político, entendido por Katiuscia Ribeiro (2021, p. 32), como “corpo-território” representado

em sua vertente sagrada por meio do “corpo e fé” que sobrevive e resiste como marco de resistência de matriz africana no Brasil aos preceitos cristãos, desde o período da escravidão colonial (ALMEIDA, 2019).

Por esta construção do pensamento africano, de sua cultura e tradição, buscamos articular a prática religiosa da Nação Jeje Ijexá, denominada como Batuque no extremo Sul do Brasil (Oro, 2011) como marco de resistência sócio-histórica secular.

[...] De pés descalços, dançamos ao som do tambor e cantamos sorrindo – em língua mãe, em linguagem comunitária, em linguagem garimpada dos resquícios de memória coletiva de línguas exterminadas: resquícios de memória da convivência coletiva de resistentes à violência que, juntos em comunidades, amalgamaram um novo falar, que hoje se eterniza a cada xirê – festa – em cada momento de cântico e de resposta, em cada relato memorial e ancestral (CUNHA, 2020, p. 223).

### **Considerações Finais**

Por esta construção do pensamento africano, de sua cultura e tradição, buscamos articular a prática religiosa da Nação Jeje Ijexá (Oro, 2011), denominada como Batuque no extremo Sul do Brasil como estratégia de resistência do povo negro há mais de 400 anos. Nesta compreensão filosófica, o corpo do sagrado pode ser visto como o corpo político representado em sua vertente religiosa como marco de resistência de matriz africana no Brasil por um “corpo-terreiro” (CUNHA, 2020, p. 223).

O Terreiro como espaço de desenvolvimento espiritual, como o lugar do zelo do sagrado, como o lócus de representação identitária passa a ser o quilombo perseguido no século XXI. Porque ali seus/suas integrantes, que não são todos(as) negros(as), referenciam a cultura, a tradição e a sabedoria africana que passa ser perseguida por ultrapassar as barreiras cristãs e perpassar a ideia constituída de um povo secular.

Relacionamos os construtos produzidos nos campos das epistemologias africanas no campo da filosofia como forma de resistência de um pensamento ancestral que sobrevive e reverbera no mundo ocidental.

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Eliane. **A pedagogia Cosmocena e a Afrocentricidade nos Terreiros de Matriz Africana**. Porto Alegre: Editora Nika, 2019.

CUNHA, Janine Nina Fola. Corpo - Terreiro – Como Podem Se Verificar As Categorias Ocidentalizadas de Gênero, Sexualidade e Hierarquias Neste Contexto. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 16, nº. 26, 2º semestre, 2020.

ORO, Ari Pedro. O Bará do Mercado Público. In: ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos dos; CUNHA, Mateus. **A tradição do Bará do mercado**. Porto Alegre: PMPA / SMC / CMEC, 2007.

RAMOSE, Mogobe B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Tradução Dirce Eleonora Nigro Solis; Rafael Medina Lopes; Roberta Ribeiro Cassiano, Revisão Dirce Eleonora Nigro Solis. **Ensaios Filosóficos**, Volume IV - outubro/2011. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe\\_b.\\_ramose\\_-\\_sobre\\_a\\_legitimidade\\_e\\_o\\_estudo\\_da\\_filosofia\\_africana.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_sobre_a_legitimidade_e_o_estudo_da_filosofia_africana.pdf).

Acesso em 20 set 2021.

MORAIS, Mariana Ramos; JAYME, Juliana Gonzaga. Povos e comunidades tradicionais de matriz africana Uma análise sobre o processo de construção de uma categoria discursiva. **Dossiê: Diversidad cultural en América Latina**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/RjnJ89KdHyv6b4jyd4YfcMG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 set 2021.

RIBEIRO, Katiúscia. A legitimidade da filosofia africana no Brasil. **Revista Cult**, A história da filosofia no Brasil. Ano 24, Edição nº 268, 5 de abril de 2021, Rio de Janeiro.